



RESENHA

A teoria do turismo e os conceitos fundamentais

The theory of tourism and the fundamental concepts

Leandro Benedini Brusadin¹

PANOSSO NETTO, Alexandre. O que é turismo. São Paulo: Brasiliense, 2013, 127p. (Coleção Primeiros Passos).

As discussões conceituais sobre o turismo são fonte do estudo de Alexandre Panosso Netto nessa obra a qual busca apontar os parâmetros teóricos e práticos para esta área do conhecimento humano e social. O autor inicia sua abordagem delimitando o contexto da problemática que se faz presente no título do livro: *o que é Turismo?* Panosso Netto expõe que, apesar dos conceitos e ideias sobre o campo do turismo serem em torno das férias, viagem, descanso, lazer, fuga da realidade, geração de emprego e renda, difusor de cultura entre os povos, soma dos fenômenos resultantes da viagem, atividade econômica em crescimento e deslocamento do sujeito fora de seu lugar de residência, “tais imagens e definições são algumas

1 Pós-Doutorando pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Franca. Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi-Morumbi (UAM). Graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: leandro@turismo.ufop.br

das múltiplas facetas que o turismo assume na sociedade, mas, dependendo do contexto, são limitadas” (p. 10), pois se relacionam apenas às práticas econômicas as quais relegam a segundo plano as múltiplas práticas sociais do setor.

Panosso Netto dimensiona o turismo como fator coletivo posto que carrega consigo um grupo de representações sociais para a prática da atividade em determinado local: “mesmo que este atrativo não me chame atenção, eu me interesso por ele, pois se é importante para os outros então deve ser importante para mim também” (p. 14). Desse modo, para o autor, o turismo constitui-se em um fenômeno que tem seu fundamento direto na necessidade de viajar e de se deslocar por meio do fato social, econômico e cultural.

Sob o modo de pensar do autor, o turismo é uma das formas mais características do lazer do homem atual, em um paradoxo entre o trabalho e o tempo livre, o qual pode ser designado como *homo viator* (o que viaja), para além de seus antecessores, o *homo sapiens* (o que sabe), o *homo faber* (o que faz) e o *homo ludens* (o que joga). Nessa lógica contemporânea, “não basta ter lazer, é preciso sair de casa para longe, distante. Se possível, sair até mesmo do planeta” (p. 15).

No capítulo I do livro, Panosso Netto indica três visões distintas de turismo: a “visão leiga” situada dos que entendem a atividade como descanso e férias; a “visão empresarial” de quem compreende o setor enquanto conjunto de bens e serviços; e a “visão acadêmico-científica” delimitada por quem relaciona o turismo como meio de desenvolvimento de ações para minimizar seus impactos negativos e maximizar impactos positivos, sob a forma de estudos interdisciplinares, sendo esta última adotada pelo autor de modo conceitual.

A compreensão das definições do turismo em uma ótica evolutiva faz parte do capítulo II ao ponto que “o termo turismo vem das palavras *tour* e *turn* (inglês) com raiz no latim *tornus* e *tornare*. Com o tempo, foi assumindo o significado de *tornar*, *retornar*, *girar*, dando a ideia de ida e volta” (p. 21). Panosso Netto dimensiona que os primeiros estudos de turismo tinham duas vertentes: a “sociológica” que analisava aspectos da educação, cultura e modos de vida e a “econômica” que tratava das formas de propiciar o aumento do tráfego de forasteiros. Essa dicotomia nas análises do turismo “só veio a ser resolvida com a publicação dos trabalhos de Walter Hunziker e Kurt Krapf, na década de 1940” (p. 25).

Dentre outros autores relacionados na obra que conceituam turismo, situam-se Fuster em *Teoria y técnica del turismo*, Wahab com *Introdução à administração do turismo* e Jafar Jafari e J. R. Brent Ritchie em *Toward a framework for tourism education*, posto que, segundo Panosso Netto, esses últimos se equivocam, pois não dife-

renciaaram o “fenômeno turismo do estudo do turismo” (p. 29). Nesse retrospecto, Panosso Netto menciona a Organização Mundial de Turismo (OMT) que vincula seu conceito a um viés econômico e ainda exclui das estatísticas os viajantes. Diante disso, Leiper (*The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry*) divide as definições científicas de turismo em econômicas, técnicas e holísticas.

Panosso Netto reflete o caráter científico do turismo e considera que “para ser uma ciência é necessário que exista um objeto de estudo claro e definido, como metodologia de análise advinda de várias ciências” (p. 34) e considera que o turismo “não possui (ainda) esse requisito, por isso, não é uma ciência que estuda algo, mas sim algo estudado pelas ciências” (p. 34).

Quanto ao surgimento do turismo moderno no Ocidente, o autor afirma ter surgido por uma confluência de fatores ao longo de várias épocas, mas considera o seu nascimento na Revolução Industrial, na Europa, em fins do século XVIII e início do XIX. Panosso Netto enfatiza que “tal recorte temporal é importante, pois as viagens e os deslocamentos sempre existiram na história da humanidade” (p. 35). Outros eventos históricos são mencionados por Panosso Netto como determinantes para o turismo moderno, tal como, a implementação do descanso dominical e as férias remuneradas na Europa no início do século XX, além dos avanços tecnológicos e dos transportes após a Segunda Guerra Mundial. No caso do Brasil, Panosso Netto expõe que o turismo somente passou a ser desenvolvido somente na primeira metade do século XX, mas é importante registrar os relatos dos viajantes do século XIX que deixaram escrito suas impressões sobre o país, mesmo que não existissem condições para desenvolvimento da atividade.

O capítulo III aborda as relações entre a teoria a prática do turismo acentuando algumas características desse campo de estudo, tais como: a jovialidade do conhecimento, as indefinições conceituais, a fragmentação do conhecimento, o preconceito de pesquisadores de outras áreas e a fraqueza na sustentação de argumentos. Panosso Netto realiza, ainda, distinções de termos conceituais: o “viajante” que consiste em toda pessoa que se desloca entre dois ou mais lugares independente da motivação, posto que este engloba o “visitante” o qual se subdivide em: “turistas” que são pessoas as quais permanecem mais do que 24 horas no destino e cujo propósito pode ser entretenimento, negócios, viagem familiar e reuniões; “excursionistas” caracterizados por permanecerem no destino menos de 24 horas sem pernoites no lugar visitado; e “outros” tidos como nômades, passageiros em trânsito, refugiados, membros consulares sendo estes últimos não incluídos nas estatísticas da atividade turística.

Com relação à prática, o autor dimensiona quatro tipos de empresas e organizações enquadradas diretamente com o turismo, entre os quais situam os produtores de bens e serviços turísticos (empresas de transporte, meios hospedagem e restaurantes), os organizadores de viagem (operadores de turismo), os distribuidores (agências de turismo) e, por fim, as organizações governamentais. Panosso Netto ressalta que “o destino turístico é um local geográfico que atrai turistas por apresentar algo de seu interesse” (p. 64). Ainda sim, o autor diz que “apesar de ser possível encontrar núcleos de turismo em todos os continentes, eles estão mal divididos no globo, com grande concentração na Europa, Estados Unidos alguns países da Ásia e Oriente Médio” (p. 66), de forma que a América Latina não apresenta tal concentração, com exceção do México.

O quarto capítulo do livro trata de alguns princípios do turismo e o autor critica a falha conceitual do fenômeno que passa a ser visto com descrédito nos setores produtivos e intelectual. Dentre os princípios fundamentais apontados pelo autor consideram-se a concepção do “sujeito” enquanto anfitrião e turista; a ideia de “deslocamento” interno (dentro do país) e externo (fora do país de origem); o fundamento do “retorno” pressupondo a volta ao local de origem, a “motivação” caracterizada pela razão da viagem; a “hospitalidade” englobada pela alimentação e a hospedagem; a “experiência” enquanto composto imaterial; a “comunicação” quanto à relação entre povos; e a “tecnologia” que relaciona a comunicação e os transportes. Panosso Netto ainda considera a sustentabilidade, a igualdade, a supremacia do interesse público, a alteridade, a ética, a satisfação pessoal e a livre-vontade como princípios desejáveis do turismo.

O capítulo V inicia com a afirmação do autor que “é importante buscar uma compreensão abrangente do que vem a ser o fenômeno, livre de estereótipos, preconceitos, que não seja uma visão estreita focada em seus aspectos particulares ou menores, mas em sua grandeza e importância para os homens” (p. 77). O autor diz ser necessário assumir uma postura que objetive maximizar os efeitos positivos do turismo e conhecer mais profundamente os efeitos negativos. Dentre os aspectos econômicos situa-se a redistribuição de riquezas e o efeito multiplicador em contraponto com a desvalorização dos trabalhadores locais, aumento dos preços e supervalorização do setor, quanto aos aspectos sociais revela-se a experiência de relações entre turista e anfitrião em contrário ao colonialismo, nos aspectos culturais menciona-se a valorização da cultura local em paradoxo a mercantilização da mesma e, por último, nos aspectos ambientais visualiza-se a preservação por meio da valorização e não o inverso. Panosso Netto conclui essa análise ao asseverar que “não basta ser sustentável, tem que ser responsável” (p. 99).

No último capítulo da obra o autor se posiciona favorável à prática do turismo de modo ser possível exercer a atividade de forma justa, muito embora existam limitadores que impeçam o deslocamento para o empreendimento de viagens, tais como, condições financeiras, disponibilidade de tempo, condições físicas, estrutura familiar, procedimentos burocráticos e o próprio conhecimento do destino. Panosso Netto destaca que, além disso, há um assunto pouco discutido que é a educação para o turismo não ensinada nas escolas de modo que “os conselhos que nos dão não passam de dicas como ‘não comer tal coisa’, ‘cuidado em tal lugar’, ‘visite aquele museu’ etc, mas nunca como fazer, com o que se maravilhar, como ter uma experiência memorável” (p. 108).

Em suas últimas palavras o autor se questiona qual o futuro do turismo. Panosso Netto responde que o turismo está passando por uma crítica às suas formas tradicionais e à forma como é visto pelos organismos oficiais. No caso do Brasil, o autor crê que o processo de educação formal, iniciado com o primeiro curso de graduação em turismo em 1971, está fornecendo resultados positivos ao formar a principal massa crítica do turismo brasileiro.

“O turismo é o reflexo e o espelho do que a sociedade decide ser” (p. 113), ajuíza Panosso Netto. Assim sendo, entende que a sociedade, seus grupos sociais e o turismo são faces da mesma moeda. O autor finaliza seu pensamento ao considerar que é necessária uma visão humanista em que o “ter” valha menos do que o “ser”, ao ponto que novos paradigmas dos estudos turísticos se avizinhem. Ao término da obra, ainda é possível encontrar algumas sugestões de leitura para a história do turismo, em uma análise teórica mais complexa e alguns manuais, além de outros livros para co-relações com o lazer e a hospitalidade e, inclusive, a recomendação de determinados periódicos científicos internacionais e nacionais.